

UMA LÓGICA PARA OS SENTIDOS: ENTREVISTA COM FERNANDO BONASSI¹

LOGIC FOR THE SENSES: INTERVIEW WITH FERNANDO BONASSI

Rita de Cássia Silva Dionísio SANTOS²

Maria Zilda da CUNHA³

Apresentação

Nascido em São Paulo (1962), Fernando Bonassi destaca-se como contista, roteirista, dramaturgo, romancista e cineasta premiado internacionalmente. Várias de suas produções estão publicadas em antologias brasileiras e estrangeiras. Como autor de literatura e como produtor cinematográfico, reconhecido pela crítica pelo poder corrosivo e cáustico de sua linguagem artística, Bonassi demonstra especiais habilidades comunicativas de expressar ficcionalmente faces do mundo contemporâneo tão marcado por consumismo, violência e instantaneidades. Seus livros *100 histórias colhidas da rua* (Editora Scritta, 1996) e *Passaporte* (Editora Cosac & Naify, 2001) podem, certamente, constar entre as melhores coletâneas de micronarrativas publicadas no Brasil nas últimas décadas. Neste último, por exemplo, tendo o passaporte como metonímia, narradores múltiplos empreendem uma *flânerie* por espaços diversos do mundo, como se percorressem labirintos de uma cidade única que apenas muda de nome, com fronteiras imaginárias: o que se representa, nessas breves crônicas do cotidiano, é o humano, em sua contundente realidade de derrisão utópica. Para o cinema, Bonassi produziu roteiros de *Os matadores*, *Carandiru*, *Garotas do ABC*, *Cazuza*, *Através da janela*, *Castelo Rá Tim Bum*; destaca-se, também, com as produções teatrais de *Preso entre ferragens*, *Três cigarros e a Última Lasanha*, além de ter escrito e dirigido o monólogo *O incrível menino na fotografia* – entre outros textos. Entre suas produções destinadas ao público infantil e juvenil, incluem-se os títulos: *Uma carta para Deus* (Formato, 1997), *O pequeno fascista* (Cosac Naify, 2005), *Diário de guerra de São Paulo* (Publifolha, 2007) e *Montanha-russa* (Cosac Naify, 2008). Na entrevista a seguir, o autor fala de sua produção destinada ao público infantil e

¹ Entrevista realizada em 18 de maio de 2019, por e-mail, por Rita de Cássia Silva Dionísio Santos e Maria Zilda da Cunha.

² Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB; pós-doutorado na Universidade de São Paulo – USP. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. cassiadionisio@hotmail.com

³ Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo; pós-doutorado em Estudos Portugueses e Lusófonos no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal, e em Ciências, Educação e Humanidades pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Professora na Universidade de São Paulo – USP. mariazildadacunha@hotmail.com

juvenil: sua sensibilidade e atenção para a contemporaneidade e a crueza das relações sociais que afetam a infância e a juventude reverberam na estética de Bonassi, trazendo provocações intensas ao leitor, oferecendo, de certo modo, uma espécie de lógica potente para compreensão dos sentidos.

Presentation

Born in São Paulo (1962), Fernando Bonassi stands out as an internationally awarded short story writer, screenwriter, playwright, novelist and filmmaker. Many of his works are published in Brazilian and foreign anthologies. As a literary author and film producer, recognized by the critics for the corrosive and caustic power of his artistic language, Bonassi shows special communicative skills to fictionally express faces of the contemporary world marked by consumerism, violence, and instantaneities. His books *100 stories taken from the street* (Editora Scritta, 1996) and *Passaporte* (Editora Cosac & Naify, 2001) can certainly be among the best collections of micronarratives published in Brazil in recent decades. In the latter, for example, with the passport as metonymy, multiple narrators undertake a *flânerie* across different parts of the world, as if traversing mazes of a single city with imaginary boundaries, which only changes its name. What is represented in these brief chronicles of everyday life, it is the human in its striking reality of utopian derision. For the movies, Bonassi produced scripts for *Os Matadores*, *Carandiru*, *Garotas do ABC*, *Cazuza*, *Através da Janela*, *Castelo Rá Tim Bum*. He also stands out for the theatrical productions of *Preso entre ferragens* and *Três cigarros e a Última Lasanha*, and wrote and directed the monologue *O incrível menino na fotografia* - among other texts. His productions for children and youth includes the following: *Uma carta para Deus* (Formato, 1997), *O pequeno fascista* (Cosac Naify, 2005), *Diário de guerra de São Paulo* (Publifolha, 2007) and *Montanha-russa* (Cosac Naify, 2008). In the following interview, the author talks about his works aimed at children and young people: his sensitivity and attention to the contemporaneity, and the crudity of social relations that affects childhood and youth. That crudity reverberates in Bonassi's aesthetics, bringing intense provocations to the reader, offering a kind of potent logic for comprehension of meaning.

I

Falar de ficção para crianças e adolescentes é, decerto, tentar abranger aspectos relativos desde à lógica da compreensão histórica do conceito dessa disciplina – a literatura – à atenção que a designação linguagem literária promove ou suscita e, ainda, ao tratamento criativo que autores e editores concedem a esse tipo específico de produção cultural nas plataformas diversas em que ela é veiculada na contemporaneidade.

O que pode interessar às crianças e aos adolescentes nos dias de hoje? Que livros e produções culturais seduzem esses leitores? Como a leitura literária pode colaborar para que essas crianças e adolescentes compreendam o mundo à sua volta e o seu estar no mundo? Essas e outras questões têm nos compelido à reflexão sobre a literatura infantojuvenil.

Na entrevista a seguir, considera-se a produção de Fernando Bonassi destinada ao público infantojuvenil, com o objetivo de se colaborar para as reflexões acima referidas sobre a literatura e a leitura literária para crianças e adolescentes na contemporaneidade.

Entrevistador 1 (R.D.), Entrevistador 2 (M.Z.): Parece consenso no meio acadêmico que a literatura infantil e juvenil padece de injustificado preconceito – o que, *a priori*, estaria relacionado aos adjetivos que a acompanham. Como o senhor vê o “literário” da literatura infantil e juvenil?

Fernando Bonassi (F.B.): Nunca fiz qualquer diferenciação etária na literatura. Escrevo para os jovens com o mesmo ódio da condição humana com que escrevo para os chamados adultos. O profundo incômodo que a chamada “literatura infantil e infantojuvenil” me causou sempre diz respeito a tratar o leitor como um tolo. Não aceito isso. Quanto mais jovens, mais “mente aberta” as pessoas costumam ser. Os livros lidos pelos jovens têm a obrigação de serem corrosivos, mais corrosivos do que a chamada “literatura adulta”. Sem esquecer que literatura é forma, provoca o leitor. Em qualquer idade e momento, esta é a boa literatura. “Transar bem com as palavras”, isso é imprescindível.

R.D. e M.Z: Como são criadas as suas narrativas para crianças e adolescentes?

F.B.: No meu caso, seguem o mesmo padrão dos livros adultos: um assunto e/ou trama me interessa; se o melhor ponto de vista é o do jovem, será um livro com o viés deste personagem. Se for um velho, o deste. Mas a ideia é que o livro possa ser lido por qualquer público.

R.D. e M.Z: Em seus textos ficcionais para crianças e adolescentes, nota-se o caráter ficcional intercambiado às formas cronísticas, ensaísticas, de quase documentário da vida social contemporânea, aspecto, aliás, que se consubstancia em densas experiências estéticas. Como pensar esses gêneros e formas em sua produção?

F.B: Como disse, a investigação formal, a mistura de gêneros e linguagens que é própria da experiência mais contemporânea, tudo isso tem que estar no livro, no entanto, ajuda o que eu chamo de “meu ódio do mundo”: nasci numa vizinhança violenta e mesquinha. Entendo que a energia humana para a descoberta é extremamente limitada por nossas crendices e manias; a forma de expressar essa indignação deve ter múltiplos aspectos formais. Um bom romance é sempre uma reinvenção da forma do romance também.

R.D. e M.Z: “Uma vez por ano um cara aparecia com um caixote esquisito, coberto por uma manta puída. Era uma câmera fotográfica. Juro. A prova é que tirávamos fotos diante do mapa do Brasil e do brasão nacional: punham uma mesa no pátio, uma toalha rendada por cima, um vaso com uma flor de plástico, alguns livros e cadernos, nossas mãos empunhando lápis e, diante desse cenário inesquecível, uma cartolina com o nome do colégio, o ano, a série, o número de chamada, e a classe à qual pertencíamos. Tenho umas três ou quatro dessas obras-primas, amarradas em capas de camurça por uns penduricalhos vermelhos. Nunca colocaram nosso nome. Só aquele monte de números arrumadinhos na cartolina... Acho que ninguém podia ser alguém naquela época...”. Como relacionar as memórias evocadas nesse fragmento (extraído de *Montanha-russa*, p. 10, que se inicia referindo-se à década de 1970) à literatura para crianças e adolescentes que circulava na escola naquela época?

F.B.: Os únicos livros que líamos naquela época eram publicações de empresas apoiadoras da ditadura, como os grupos Ultra e Votorantim. Era um papelório que elogiava o regime e colecionava os hinos nacionais, para que os decorássemos. Vivíamos em completa ignorância, mesmo do que a própria literatura brasileira já dispunha naquela época. Ditaduras são burras e indutoras de burrice, sempre. Em todo o século passado, a verdadeira literatura não entrou na escola pela porta da frente até a redemocratização, nos anos 80. Narrar esta experiência para a juventude de hoje é um compromisso moral.

R.D. e M.Z: As suas obras exploram generosamente as ilustrações, fotografias, imagens diversas. Comente o modo como se organizam suas obras: a articulação entre textos verbal e visual, o projeto gráfico-editorial.

F.B.: Sou formado em cinema, ganho a vida como roteirista de TV, “narrar com imagens” é uma especialidade que desenvolvi. Procuo levar esta experiência de múltiplas linguagens em tudo o que faço. É, na minha opinião, um traço do moderno, na acepção mais bacana deste termo.

R.D. e M.Z - Entre os ilustradores de seus livros, estão *Azeite (Declaração Universal do Moleque invocado, Cosac Naify, 2001)*, *Luli (A incrível história de Naldinho: um bandidão ou anjinho?, Geração Editorial, 2001)* *Regina Miranda (Uma carta para Deus, Formato Editorial, 1997)* e *Chico Marinho (Vida da gente, Formato Editorial, 1999)*. Como são selecionados os ilustradores dos seus livros? Isso é feito pelas editoras?

F. B. A escolha dos ilustradores e autores do projeto gráfico, no caso dos meus livros, sempre foi de comum acordo com as editoras. Em geral, eles sugerem diversos artistas e, em conjunto, decidimos qual a melhor solução visual para aquelas palavras e ideias.

R.D. e M.Z.: O caráter híbrido de suas produções manifesta-se em dialogismos e polissemias, inclusive evocando conhecimentos das mais diferentes áreas. Como refletir sobre esse aspecto em seus textos?

F.B.: Somos bombardeados por imagens, mas também por textos, por suas milhões de autorias, sua infinidade de formas e registros – essa mistura me instiga, e, como já mencionei, é um traço definidor da experiência de mundo contemporânea.

R.D. e M.Z.: Mapas, recortes de jornais, quadrinhos articulam-se em suas obras. Por se endereçar a um público específico (portanto, imagina-se, com diferenciada experiência estética), que espécie de competências artísticas essa tarefa reivindica de um autor para se fazer entender pelos leitores em processo de formação?

F. B.: É uma experiência de ensino perto da caduca essa que delimita imagens a estudos visuais, e palavras a estudos literários. Ver e ler se confundem na experiência do homem em geral e em particular do artista, mesmo do escritor, que é tocado pelas formas do que vê, antes de fazer uma tradução/evocação literária desta impressão. A junção dessas linguagens, a produção de informação e arte com abordagem multidisciplinar é a essência deste tempo histórico.

R.D. e M.Z.: Os temas que comparecem em seus textos são, em sua maioria, voltados às cenas de violência urbana, com meninos em situação de extrema pobreza que não compreendem o seu lugar no mundo, crianças ranzinzas, aborrecidas, nervosas, solitárias, vielas, quartos escuros e sujos, praças esquecidas. De que maneira essas realidades participam da formação do leitor contemporâneo?

F.B.: Nasci entre miseráveis, material e espiritualmente, entre burros e pobres. Trato destas misérias, definidoras da minha experiência humana e social; trato do fato de que só a informação e a arte nos tiram destas condições de indigência emocional. É como um alerta do tipo: “gente, não sejam imbecis como a gente foi.”

R.D. e M.Z.: Diferentemente do que se pensa sobre os mundos imaginários dos contos de fadas tradicionais, essas narrativas encenam e representam também um lado obscuro do ser humano, com manipulações de vontades e destinos, morte, dor e contradições – como se nota, por exemplo, no clássico “Chapeuzinho Vermelho”. Pensando nisso, o que se pode dizer da relação da leitura literária da tradição com a nossa experiência pessoal?

F.B.: A boa literatura sempre esclarece, ou tenta jogar luz, sobre algo obscuro de nossa natureza. Penso que nos cabe hoje, como escritores, “atualizar” essas percepções da alma humana. Não com certezas, mas com mais luz na obscuridade. Desafiando nossas certezas.

R.D. e M.Z.: Seus livros não catalogados como narrativas infantojuvenis trazem, não raro, crianças e adolescentes como personagens – às vezes, assumindo uma configuração provocadora, como agentes de situações envolvendo crimes, como vítimas ou malfeitores. Exemplo disso é a narrativa número 93 do livro *100 histórias colhidas na rua* (Scritta, 1996) que, aliás, tem como um dos personagens o Naldinho – que vai reaparecer no livro *A incrível história de Naldinho: um bandidão ou anjinho?*, de 2001. O que lhe motiva a construir personagens como o Naldinho?

F.B.: Vivi minha infância na Zona Leste da cidade de São Paulo nos anos setenta e oitenta. Era, e ainda é, uma cidade dura, de trabalho, difícil de se usufruir pelos mais pobres, sem lazer, a educação precária, tendo que construir sua identidade sobre ruínas... Insisto, nada disso mudou. Personagens como Naldinho representam a ponta mais podre de uma sociedade indiferente, e por isso a arte deve lançar um olhar para eles... para resgatá-los e torná-los agentes de si mesmos, cidadãos... Foi o meu incômodo com a miséria e a injustiça o que me levou à escrita

e, em minha opinião (isso só serve para mim, não é um dogma geral!), os meus temas e histórias (mesmo em se tratando do chamado universo infantojuvenil) devem refletir a tensão real de nosso modo de vida, escolhas políticas e História...

R.D. e M.Z.: Que obras e autores compuseram a biblioteca do menino Fernando Bonassi? Há, em sua opinião, autores e/ou obras que possam ser considerados imprescindíveis às crianças e adolescentes de hoje?

F.B.: Hoje há uma geração de escritores muito bons, dedicados a iniciar os leitores. Meus respeitos a este trabalho importantíssimo. Não tenho religião, sou um leitor tardio, mas li literatura com o regozijo de quem aprende e apreende o contato com deuses, lições eternas e impagáveis de, entre muitos outros: Graciliano Ramos, Henry Miller, Clarice Lispector, Murilo Mendes, Jerome D Salinger, Máximo Górkki, Lima Barreto, Sam Shepard, Reinaldo Moraes etc.

II

Algumas considerações [parciais]

Seja para os amantes da sétima arte, seja para os leitores de Literatura para crianças e jovens e/ou da Literatura sem adjetivação, a estética de Fernando Bonassi traz provocações intensas em uma forma especial de sentimento,⁴ transformando-o em matéria pensante. O intelecto, dessa forma, mobiliza-se para entender esse sentimento que pensa. Tal estética, que parece emprestada das reflexões peirceanas, dimensiona, na esfera da ficção, um empenho ético para se alcançar um ideal – o de uma razão criativa - que favoreça ações potentes no mundo. É na militância desse ideal que o trabalho desse artista engaja o *design* da vida social.

Sua arte recupera a experiência de se estar em uma sociedade injusta e indiferente, captando com precisão a aridez e hostilidade do espaço urbano onde crescem centenas de crianças e adolescentes. *Uma carta para Deus* (Formato, 1997) é obra que nos move, com ternura, a compreender o modo singular de uma criança escrever a Deus, expondo suas reflexões. O menino confronta o discurso religioso sobre céu e inferno e o discurso que engendra a realidade de sua vida, na miséria do barraco em que habita com um pai alcoólatra e assassino, em meio à violência, sujeira, mortes, enchentes. Esse texto sensível leva-nos, por meio da ficção, a inteligir aspectos expressivos da injustiça e indiferença dessa sociedade que compactuamos.

⁴ O sentimento de pertencer a um mundo de injustiças e feito de omissões.

Vale comentar *O Pequeno fascista* (Cosac Naify, 2005), livro em que Bonassi estabelece, notadamente, um diálogo com Brecht, ao tramar uma história que opera pelo avesso. O autor enreda a experiência de uma criança, desde o período de gestação até o assumir da liderança de uma turma. Trata-se da vida de um menino cujo protagonismo se faz por meio de maus exemplos, no exercício de mau caráter e de sentimentos mesquinhos. O enredo envolve situações análogas a que encontramos no dia a dia, com corrupções fartas e facilitadas para que se alcance cargos de liderança. É em face desse cenário que o leitor (de qualquer idade) é convidado a revisitar o cotidiano de um fascismo que cunha a esfera política e as ações mais banais da sociedade em que se vive. A leitura desse texto acaba por provocar um sentimento de repulsa e a evocar séria reflexão acerca de situações com as quais convivemos.

O fato é que a escritura desse autor se embrenha no cotidiano e abre brechas na segurança do que se pensa e do que já se pensou, move-nos a procurar senhas de acesso à inteligibilidade dos fenômenos que vivenciamos, encorajando-nos a debates que possam visar à contribuição para um exercício reflexivo.

Como ensina Mafesolli (1998), se o cotidiano não é um conceito reduzido a teorias, ele pode ser um estilo de estar no tempo e que carrega o olhar sobre as minúcias; não sendo um conjunto de situações ou modos de pensar e viver alienados, constitui-se como uma rede complexa de eventos, ações, pensamentos com organicidade e em relação a um conjunto mais amplo. E a experiência sensível é capaz de enriquecer o saber, pois possibilita uma face importante da experiência humana. No cotidiano, tornamo-nos observadores de nós mesmos, do outro, do mundo, da história e da vida que vivemos – pois a “vida, ou os imaginários que ela suscita, devem ser tomados por aquilo que são, ficando claro que sua eficácia é real, que esta é a única que nos importa a partir do momento em que desejamos levá-la a sério” (MAFFESOLI, 1998, p. 180).

Atento à esfera do cotidiano, a marca de Bonassi se faz na singularidade de colocar vidas reais em jogo, vidas silenciadas e distorcidas pelo discurso de uma sociedade míope, e fazer delas ato de expressão. Esse parece ser seu gesto autoral.

No âmbito das manifestações artísticas, para além da verbal – e que são, sobretudo, expressões humanas –, nosso autor está à vontade em meio aos diálogos intersemióticos e à hibridiz das linguagens, operando com maestria com a diversidade, a multiplicidade, a reciprocidade entre elas.

Em suma, é desse modo que Fernando Bonassi dispõe seus interlocutores – adultos, jovens ou crianças – ao poder sensório, perturbador e também cognitivamente transformador da arte.

Referências

BONASSI, Fernando. **Montanha-russa**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Recebido em: 15/08/2019

Aceito para publicação em: 16/09/2019